

POLÍTICA E RELIGIÃO

EDUARDO DE LA SERNA

Quilmes, Argentina

Uma má ou ideológica leitura do texto da «moeda de César», conclui que ao dizer que se deve dar a César o que é de César, e a Deus, o que é de Deus, Jesus estabelece claramente que a religião e a política são dois mundos separados que não se tocam nem se interrelacionam. Se a isto somarmos o dito joanino «meu reino não é deste mundo», pareceria ficar claro que pretender falar de «religião e política» seria uma loucura...

Não é este o lugar para comentar estes textos que na realidade dizem coisas muito diferentes disso que se afirma; mas se dizemos o que já afirmava o documento de Puebla: «A Igreja (...) sente como seu dever e direito estar presente neste campo da realidade: porque o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, incluindo a dimensão política. Crítica, por isso, aos que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem relevância ali» (515). Inclusive, mesmo que a partir de uma perspectiva mais européia, o papa Bento XVI haja escrito sobre o tema na sua encíclica «Deus é amor», ao referir-se à «caridade política».

Por outro lado, certo manejo do tema parece quase estar dizendo que «a Igreja não tem que intervir na política, (salvo os bispos, que passam o tempo fazendo política)», mas essa razão parece supor que a primeira atitude seria crítica do *status quo*, profética, subversiva, enquanto a segunda seria amiga do poder, e até cúmplice. Casos patéticos como a militante atitude das Conferências Episcopais de Espanha e Itália, críticas até a desestabilização dos governos, pelos casos de legalização de matrimônios homossexuais, e seu silêncio aos imediatos governos anteriores ante a invasão genocida e a guerra no Iraque, são suficientemente significativos. E graves. Parece que para alguns é mais grave que um casal homossexual vivam juntos (coisa que igual farão sem «pedir permissão») e não que se invada, torture e mate um povo pobre para ficar com seu petróleo...

Quando, nos anos 70, se falava do «renascimento das utopias» (OA 37), milhões de cristãos na América Latina se lançaram – acompanhados ou animados pelo Magistério – ao desafio de lutar por uma sociedade fraterna e igualitária. Em resposta a isto, e como modo de preparar a inundação neoliberal dos anos 90, os anos 80 banharam em sangue ditatorial nossos países. Enquanto que esses cristãos eram perseguidos, torturados, ou desaparecidos, para impor modelos econômicos aceitáveis com as políticas do Norte, a mesma hierarquia que os havia animado a participar, calou-se, negociou com as ditaduras, abençoou suas armas, assim como uma década depois abençoaria os bancos e finanças de Mammôn.

Tenho pessoalmente muitos amigos sobreviventes do genocídio argentino, militantes cristãos dispostos a dar a vida pela utopia de Jesus – o Reino de Deus – nos anos 70 e militantemente ateus ou agnósticos agora; «graças», fundamentalmente, ao (anti)testemunho evangélico das hierarquias...

Certamente, vendo as atitudes de ontem e de hoje, muitos se sentirão, e sentem desanimados para uma participação ou compromisso político. Mas por outro lado, é certo que tanto a cumplicidade, como a apatia, são absolutamente funcionais ao poder de plantão. Assim, fica garantido que nada muda. Para piorar, a crise pós-moderna «dos relatos» e o realce «dos fragmentos», convida a pensar que não se pode mudar a situação fundamental, já que – ademais – pode esperar-se que mudem pequeníssimas coisas, como micro-empresendimentos, ou microcréditos... Nada que pretenda modificar no fundo a situação.

No entanto, a fascinante crise de época que vivemos nos convida e desafia aos seguidores do Nazareno: Vamos ficar apáticos e imóveis à espera de que a novidade que se aproxima «seja o que for»? Ou vamos lançar-nos a semear a utopia-reino com a esperança de pôr semente num amanhã mais fraterno, mais justo, mais solidário? É certo que ha dezenas de sementes diferentes, mas ficaremos chorando pelo

leite derramado ou bucaremos decididamente semear valores e signos do reino? A mãe terra, o povo, fecundarão a plantação; mas o que se colherá se não semearmos? Pessoalmente, parece-me próprio de olhares muito míopes a atitude de muitos hierarcas eclesiásticos de pretender que tudo siga como foi há muito tempo, quando se consultava os bispos para tudo, e eles podiam vetar ou propor leis ou projetos (por isso muitos se moveram como «peixes na água» nas ditaduras ou facismos).

Creio que unidos com tantos milhares de crentes ou não, de diferentes confissões, cristãs ou não, que estão decididos a que haja paz, justiça, igualdade, fraternidade, deveríamos teimosamente semeá-las, para que algo, ou muito disso brote no amanhã que se aproxima.

Escutar alguns «eclesiásticos» falar do divórcio, da moral, ou de certos aparentes princípios, me parece como ver alguém cuja casa foi totalmente destruída e continua com um quadro na mão perguntando-se onde vai colocá-lo. Parece muito mais sensato ocupar-se da sementeira do fundamental e fundacional, para que o povo vá fazendo com o tempo sua própria síntese. Será confiar na vitalidade do que se há semeado, ou – se quer mais teológico – confiar na força do Espírito Santo: «Deus dá o crescimento». Assim, aparecerá a construção sobre os alicerces que se hajam colocado. Depois será tempo de eventuais quadros...

É possível que muitos pensem na dificuldade, ou na desproporção ante a magnitude das poderosas forças do anti-reino. É possível que muitos pensem que nada vai mudar. É possível que muitos pensem que é impossível ou que não tem sentido... Há parábolas do reino que nos convidam a pensar de outra maneira: a desproporção do grão de mostarda ou do fermento, o convite à criatividade para ser mais astuto que «os filhos deste mundo», a convicção de que mesmo que a rede recolha todo tipo de peixes, os que não servem voltem a ser atirados ao mar, ou que o joio será queimado quando for reconhecido pelos frutos e, sobretudo, a confiança no Espírito «que sopra onde quer» e que não é a morte, mas é a vida que tem a última palavra da história.

É certo que muitos sonhariam com uma «política cristã», onde «a Igreja» assegurasse ministros, ou leis, ou vetasse outras por «não serem cristãs». Não

é a essa política a que nos referimos na sociedade pluralista. Sabemos que não estamos sozinhos neste mundo, e não pretendemos que nossos sonhos e utopias sejam escutadas e aceitas «pelo simples fato de sermos cristãos», mas porque são integradoras, fraternas, justas... Não pelo «cartel», mas pela justiça. Na realidade, muitos estamos cansados de «projetos cristãos» que «são abençoados» por genocidas, exploradores e injustos.

Pessoalmente quero deixar claro que sou totalmente ateu do deus de Videla, ou de Pinochet (ou de Bush); creio no Deus dos pobres, creio no Deus da vida. Da libertação. Nos alegraria até que estes se sentissem fora – se não mudam de vida – de um projeto no qual caibam muitos mundos, onde os pobres estejam no centro, onde a justiça e a vida sejam as «donas de casa». «Estou cansado de que os inteligentes me roubem», escutei dizer uma vez um bêbado. A mãe de Jesus festejou porque Deus «derruba do trono aos poderosos e eleva aos humildes», «os pobres enche de bens e aos ricos os despede com as mãos vazias». Cremos, inclusive que estes projetos são mais «cristãos» (com aquele «cristianismo anônimo» do qual falava K. Rahner) que muitos projetos «batizados» e «abençoados» episcopalmente.

Por isso, com os que querem a justiça, os que trabalham pela vida, os construtores de paz, penso que podemos lutar por um mundo novo. Não é com um «mundo cristão» ou «de cristandade» que sonhamos, mas com um mundo conforme esse sonho de Jesus, o Reino, um mundo de irmãs e irmãos, um mundo «onde caibam todos os mundos».

Sonhamos, sim, com uma busca política entre todos, na que sem excomunhão mútuas (sejam em nome do «secularismo» ou do «cristianismo») se dialogue, se proponham sonhos e projetos, e se busque o que seja melhor para todos, principalmente para os pobres e as vítimas desta sociedade que se vangloriava de «ocidental e cristã», e em nome disso torturou, sequestrou, fez desaparecer, matou e submeteu à pobreza a imensa maioria da população. Sim a uma política na qual os cristãos apareçam firmemente comprometidos com as causas da justiça, os direitos humanos, a vida, a paz e as utopias de um mundo de irmãos, sem opressão nem oprimidos, sem amos e escravos. Porque não cremos que Jesus tenha morrido em vão.